

DEUS, VIDA E MORTE EM A PAIXÃO SEGUNDO G.H. DE CLARICE LISPECTOR

*Manuela Cook*¹

Universidade de Wolverhampton, Inglaterra

1. Introdução

Começando pelo título, *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, sugere sofrimento e morte que conduzem à vida de salvação. Fundamental ao Cristianismo é a Paixão de Jesus Cristo, Deus Filho, cujos tormentos culminam em Morte na cruz, a Ressurreição que se segue e, finalmente, a gloriosa subida ao Céu em retorno a Deus Pai, uma vez concluída a missão na Terra de redimir a humanidade pecadora. O paralelismo bíblico que a autora estabelece é uma apropriação profana em que G.H. é tanto protagonista como narradora da sua própria Paixão. Outros elementos religiosos são incorporados e heterodoxamente modificados. Este artigo interpreta a mundividência lispectoriana tal como se apresenta nesta obra e o papel que nela assumem doutrina e simbologia cristãs, prestando especial atenção aos conceitos de Deus, vida e morte.

¹ Universidade de Wolverhampton, Inglaterra, desde 1979, mas recentemente aposentada.

2. Os Tormentos da Paixão e o Momento da Glória

Em *A Paixão Segundo G.H.*, publicada em 1964, Clarice Lispector, escrevendo na primeira pessoa, descreve uma perturbadora experiência. A narradora-personagem é uma escultora amadora que mora num apartamento de luxo no andar mais alto do edifício. Conhecemo-la apenas pelas suas iniciais, G.H., gravadas nas suas valises, malas de viagem, que ela guarda no pequeno quarto ao fundo do corredor, que servira também de alojamento para a sua empregada doméstica, que acabara de se despedir. G.H. decide arrumar o quarto, e aí esmaga uma barata ao fechar a porta do guarda-roupa no momento em que o insecto procura sair.

Este incidente, aparentemente trivial, será a oportunidade aproveitada pela narradora-personagem para se lançar numa experiência ontológica que a levará muito para além das coordenadas temporais e espaciais da sua existência quotidiana. Trata-se de uma percepção intuitiva da matéria e uma exploração cognitiva isenta de pressupostos e teorias, que em certa medida sugere os processos da Fenomenologia husserliana, que Earl Fitz² considera presentes em virtualmente toda a ficção lispectoriana.

A barata que fora entalada na porta do guarda-roupa continua viva. Ser humano e insecto enfrentam-se. “Ali estava eu boquiaberta e ofendida e recuada – diante do ser empoeirado que me olhava”,³ diz G.H., que sente um chamamento irresistível para se identificar com o ser arquétipo que intui no insecto que vê meio esmagado: “A barata é pura sedução. Cílios, cílios pestanejando que chamam. Também eu, que aos poucos estava me reduzindo ao que em mim era irreduzível, também eu tinha milhares de cílios pestanejando, e com os meus cílios eu avanço, eu protozoária, proteína pura”.⁴ Num

² FITZ, 1985.

³ LISPECTOR, 1991, p.61.

⁴ LISPECTOR, 1991, p.64-65.

diálogo mudo, ser humano e insecto colocam-se no limiar de uma aventura em que embarcarão juntos. Será uma viagem acidentada e torturante, uma Paixão em que o externo e superficial tem de ser sacrificado para que o íntimo e essencial possa emergir. “(Q)uebrei um invólucro!”,⁵ diz G.H., o da barata e o seu, físico e psíquico. É uma mortificação que requer do ser humano que ingira parte da massa branca que sai do insecto meio esmagado. G.H. tem de vencer a repulsa e náusea suscitadas pela ideia de praticar tal acto. A sua parceira parece ter uma reacção idêntica: “A barata de súbito vomitou pela sua fenda mais um surto branco e fofo”.⁶

A Paixão processa-se e é descrita num contínuo fluxo de experiência e corrente de consciência – no que a autora tem sido comparada a James Joyce e Virginia Woolf⁷ – usando uma linguagem rica em artifícios que apontam em sentidos aparentemente diferentes, um caos primordial e uma dimensão teísta. A ambiguidade é estabelecida logo no início da narrativa quando G.H diz: “O horror será a minha responsabilidade até que se complete a metamorfose e que o horror se transforme em claridade”.⁸

Parece haver a esperança de que este processo de mortificação resulte em luminosa manifestação divina. Uma transformação “em claridade” sugere epifania e uma divindade transcendente. Este é um aspecto em que Olga de Sá⁹ estabelece um paralelo com James Joyce, salientando, porém, que a epifania lispectoriana nem sempre é “radiosa” e às vezes tem um sentido “demoníaco”.¹⁰ É antes uma revelação do caos primordial, em cuja direcção aponta a metamorfose mencionada por G.H. no início da narrativa. Como ela suspeita-

⁵ LISPECTOR, 1991, p.98.

⁶ LISPECTOR, 1991, p.86.

⁷ Por exemplo, LINS, 1963.

⁸ LISPECTOR, 1991, p.22.

⁹ SÁ, 1979.

¹⁰ SÁ, 1979, p.154.

ra, a sua viagem interior irá levá-la através de milhares de anos num retrocesso à origem da matéria: “(E)u caindo séculos e séculos dentro de uma lama (...) onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade”.¹¹ Trata-se de um cenário de criação e destruição onde a vida implícita a morte e esta é inerente àquela, enquanto que a matéria parece ser vitalisticamente capaz de auto-determinação. De facto, Benedito Nunes¹² vê na Paixão de G.H. um processo de renúncia ascética dirigida a uma experiência mística, embora com uma orientação imanentista onde a matéria viva e a vida divina se fundem.

O grande momento de encontro com a realidade última concretiza-se. No fim do livro, G.H. relembra essa revelação ontológica em que o seu cosmicamente insignificante “eu” foi transportado ao ilimitado “Tudo”: “Enfim, enfim quebrara-se realmente o meu invólucro, e sem limite eu era. Por não ser, eu era. (...). Tudo estará em mim se eu não for; pois “eu” é apenas um dos espasmos instantâneos do mundo”.¹³ Esta experiência situa-se para além do que a linguagem humana pode exprimir: “Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro”.¹⁴

3. O Deus, o Tudo e o Nada

“Tudo estará em mim se eu não for” – assim será no encontro com a realidade última onde a matéria viva e a vida divina se fundem. É um momento de ausência e presença totais, isto é, a redução ao nada do indivíduo que permite a sua absorção no “Tudo”.

¹¹ LISPECTOR, 1991, p.61.

¹² NUNES, 1966, 1989.

¹³ LISPECTOR, 1991, p.182.

¹⁴ LISPECTOR, 1991, p.183.

Do mesmo modo, “Nada” é a percepção que se tem de Deus, realidade imensuravelmente para além do que o intelecto humano pode abarcar – “um nada que é o Deus”.¹⁵ Deslocando-nos da obra em análise para um testemunho prestado por Clarice Lispector, podemos encontrar informação coadjuvante. Ao ser convidada a definir o conceito de Deus, a autora explicou: “Deus é compreensível, se a gente descobrir que ele pensa em termos de milênios em matéria de tempo ou mesmo do infinito”. E, em seguida, dirigindo-se a Deus, acrescentou: “Tu és com letra maiúscula NADA”.¹⁶

Deus não é puro espírito ou abstracção. É, pelo contrário, bastante concreto. A sua natureza substantiva é enfatizada no uso que a autora faz do artigo definido precedendo o substantivo – “o Deus”. Essa natureza substantiva é a matéria viva e a vida divina fundidas numa só realidade – “o plasma do Deus”.¹⁷

Comum ao Deus e ao indivíduo, existe um elemento substantivo que permite comunicação entre ambos.¹⁸ É “a coisa” – “(O) inumano é o melhor nosso, é a coisa, a parte coisa da gente”.¹⁹ G.H. não sucumbiu aos tormentos da Paixão graças à força recebida de “a parte coisa, matéria do Deus”.²⁰ Notemos que o não-humano é “inumano”, ou desumano, correspondendo à bestialidade do caos primordial, parte do “Tudo”.

A barata, mais próxima das origens e na qual G.H. intuiu o ser arquétipo, é, portanto, companheira e veículo ideal na odisseia, que é Paixão, em que “a coisa” permite ao ser humano seguir rumo ao Tudo. Tentando pôr em palavras o que as transcende, a autora-narradora-personagem diz o seguinte: “Como é luxuoso este

¹⁵ LISPECTOR, 1991, p.107.

¹⁶ BORELLI, 1981, p.37.

¹⁷ LISPECTOR, 1991, p.104.

¹⁸ COOK, 1996.

¹⁹ LISPECTOR, 1991, p.73.

²⁰ LISPECTOR, 1991, p.73.

silêncio. É cumulado de séculos. É um silêncio de barata que olha. O mundo se me olha. Tudo olha para tudo, tudo vive o outro, neste deserto as coisas sabem as coisas”.²¹

4. “Comunhão Negra” e Mortificação Ascética

O caos primordial assemelha-se a uma exaltação dionisíaca nietzschiana em que o estético se sobrepõe ao ético. De facto, o sucesso da experiência ontológica de G.H. requirera um vigoroso acto de rebeldia em que as normas estabelecidas fossem violadas. No limiar da sua odisseia, tentada a identificar-se com o ser arquétipo que intuíra no insecto, G.H. havia dito: “A primeira ligação já se tinha involuntariamente partido, e eu me despregava da lei (...). Eu tinha que cair na danação de minha alma, a curiosidade me consumia”.²² Fora necessário cometer um acto extremo que atraísse condenação. Este fora o ingerir a massa branca que saía do insecto meio esmagado, a qual assume o significado de uma Eucaristia sacrílega, ou, nas palavras de Nunes, uma “comunhão negra”.²³

Neste ritual primitivista, para que seja possível recuar até à origem da vida, num processo inverso ao ciclo perpétuo de procriação, a massa do insecto terá de ser sexuada, macho e fêmea.²⁴ O elemento masculino está implícito na versão negra da sagrada comunhão, na qual o corpo de Jesus Cristo está presente através de transubstanciação, de acordo com a doutrina eucarística católica. Além disto, em conformidade com o dogma da Trindade, Cristo, Deus Filho, é uno com Deus Pai e o Espírito Santo. Para o elemento feminino, é usada a figura de Maria, Mãe de Deus Filho. G.H. diz

²¹ LISPECTOR, 1991, p.70.

²² LISPECTOR, 1991, p.63.

²³ NUNES,1989, p.63.

²⁴ COOK, 1998.

uma Avé Maria sacrílega: “(M)ãe, bendita sois entre as baratas, agora e na hora desta tua minha morte, barata e jóia”.²⁵ Só transgredindo o indivíduo pode transcender, projectando-se para além das suas limitações: “Transcender é uma transgressão”.²⁶ Esta é a transgressão extrema da autora-narradora-personagem.

Em flagrante paradoxo, este acto blasfemo contra doutrina e simbologia cristãs é, por outro lado, também, como vimos anteriormente, um acto de mortificação ascética e um tormento da Paixão. A um tempo flagelação redentora e ousadia de bradar aos céus, comer a massa branca da barata torna possível que “a parte coisa da gente”²⁷ chegue a “o plasma do Deus”.²⁸

5. Doutrina Religiosa e Criação Cultural

A Paixão Segundo G.H. coloca-se cronologicamente no início da segunda metade da carreira literária de Clarice Lispector. *Perto do Coração Selvagem* foi a sua primeira obra a ser publicada, em 1942, e *A Hora da Estrela* data do ano em que a autora faleceu, 1977. Na totalidade do seu período de produção, a autora usou na sua escritura certos elementos que podem suscitar comparação com certos aspectos da corrente de pensamento e literária do Existencialismo.

A aproximação mais fácil será talvez a de *La Nausée* de Jean Paul Sartre, de 1938, e a *náusea*, que, como vimos, está presente em *A Paixão Segundo G.H.*. Outras aproximações se poderão fazer. Deus como *o Nada* e *a coisa*, que também discutimos em relação a esta obra, poderão sugerir termos e conceitos do pensamento de

²⁵ LISPECTOR, 1991, p.98.

²⁶ LISPECTOR, 1991, p.86.

²⁷ LISPECTOR, 1991, p.73.

²⁸ LISPECTOR, 1991, p.104.

Martin Heidegger. *Das Nichts* (o Nada) foi um dos seus temas favoritos, sobre o qual ele discorreu inicialmente em *Was ist Metaphysik?*, em 1929.²⁹ *A coisa* faz lembrar a interpretação do *ego* (eu) como *res* (coisa).³⁰

Um estudo comparativo destes elementos está fora do âmbito do presente artigo, mas é muito provável que revelasse não mais do que uma identidade superficial entre *o Nada*, *a coisa* e *a náusea* de Clarice Lispector e o alemão *das Nichts*, o latim *res* e o francês *la nausée* usados por figuras consideradas como representantes do Existencialismo. A própria autora negou que a náusea da sua escrita fosse a mesma que a de Sartre.³¹ É muito possível que os outros elementos se encontrem também numa situação de ilusória afinidade.

É a outro nível que se podem identificar traços de uma afiliação existencialista em Clarice Lispector. Desde Joana em *Perto do Coração Selvagem* até Macabéa em *A Hora da Estrela*, as personagens centrais das suas obras são movidas por uma certa força interior que as impele numa contínua busca de significado profundo na banalidade do dia-a-dia. Nessas personagens encontramos talvez a própria Clarice Lispector, cuja biografia e escritura estão profundamente entrelaçadas, como documenta Nádía Gotlib.³²

O ímpeto psíquico que move as personagens lispectorianas pode relacionar-se com a ansiedade ontológica kierkegaardiana, que se encontra nas origens da corrente existencialista e que foi posteriormente reelaborada por Heidegger em conexão com os determinismos a que está sujeito o indivíduo como ser-no-mundo.³³ Os determinismos de natureza ôntica incluem sofrimento e morte, outros incluem as limitações do contexto histórico em que o

²⁹ HEIDEGGER, 1975.

³⁰ DREYFUS, 1991.

³¹ LOWE, 1979.

³² GOTLIB, 1995.

³³ KIERKEGAARD, 1957; HEIDEGGER, 1975.

indivíduo existe. Este, em busca de significado, usa as construções culturais vigentes e também outras, que ele próprio cria.

Baseando-se na Fenomenologia de Edmund Husserl, que, como mencionámos, Fitz identifica na ficção lispectoriana em geral, Heidegger considera a linguagem como um meio pelo qual se pode chegar às verdades fundamentais. Por outras palavras, a estrutura ontológica pode ser revelada pelo indivíduo enquanto verbalmente discorrendo numa indagação empenhada. É precisamente isto que G.H. faz.

Termos que aparecem em certos pensadores e escritores existencialistas com um significado específico e que ocorrem também em Clarice Lispector correspondem a uma coincidência, acidental ou intencional, em que esses mesmos termos são portadores de um significado diferente, numa recriação da autora. A linguagem é uma construção cultural que é criativamente manipulada como instrumento de busca ontológica. Este aproveitamento pode ser dado quer à fala do quotidiano, quer à terminologia existencialista, quer à simbologia religiosa.

Neste último caso, o material que a autora usa é fornecido pela tradição judaico-cristã e, dentro desta, em especial pelo Catolicismo. O determinismo ôntico do sofrimento e da morte encontra veículo significante na *Paixão*, que sugere uma acção redentora e, optimisticamente, aponta para uma nova vida, de eleição e glória. A Eucaristia, por sua vez, torna-se veículo significante de um fenómeno em que, como vimos, “a parte coisa da gente” alcança “o plasma do Deus” de “o Tudo”.

6. Conclusão

A Paixão segundo G.H. de Clarice Lispector é uma obra em que a autora-narradora-personagem parte das trivialidades da vida do dia-a-dia para uma exploração ontológica em busca de significado e identidade na sua existência de ser-no-mundo. Num processo coerente com tendências existencialistas, essa exploração

ontológica é feita através de uma reelaboração das construções culturais que funcionam como sistemas estabelecidos, num rebaralhar dos seus componentes que possa sugerir novas combinações e lançar nova luz. Por tal manipulação criativa passam a linguagem e a religião. A Paixão e a Eucaristia do Cristianismo católico são centrais na experiência de G.H., onde aparecem reinterpretadas como elementos de uma mundividência lispectoriana.

Clarice Lispector apresenta-nos uma complexa imagem do mundo. Nela existe um Deus, que parece ser transcendente e providencial, mas que, por outro lado, parece ser imanente e identificável com a matéria primordial. A ambiguidade permite acomodar conceitos aparentemente contraditórios. Vida e morte estão sempre presentes e implicam-se mutuamente, ao nível do biológico e ao nível do espiritual, que coexistem inseparáveis. O ciclo de nascimento-passamento é continuamente repetido, garantindo uma perpétua cadeia de reprodução.

Percorrendo em retrocesso esta cadeia, é possível obter-se um contacto místico com a realidade última, que é também a realidade primeira. Esta revelação das origens da vida requer a morte simbólica de uma mortificação ascética. Trata-se de um processo rigoroso e arriscado, que é vivido e narrado através de uma apropriação heterodoxa de dogmas e simbologia cristãos. A Eucaristia torna-se substância que serve de veículo de transporte à realidade última, e primeira, onde matéria viva e vida divina se fundem numa realidade única. O difícil percurso a fazer é apresentado como uma Paixão em que o indivíduo é simultaneamente agente iniciador e recipiente da experiência ontológica de salvação.

Referências Bibliográficas

- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector. Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- COOK, Manuela. *The Master and the Slave in Clarice Lispector's Image of the World*. Comunicação proferida no Colóquio Anual da Association of Hispanists of Great Britain and Ireland, Universidade de Bristol, Inglaterra, Março-Abril 1996.
- COOK, Manuela. “Dá-me a tua mão” – A Busca da Essência do Ser na Obra de Clarice Lispector. In: T.F. Earle (ed.) *Actas do Quinto Congresso, Associação Internacional de Lusitanistas*. Universidade de Oxford, Inglaterra. Coimbra: Lidel, 1998.
- DREYFUS, Hubert. *Being-in-the-World. A Commentary on Heidegger's 'Being' and 'Time'*. 6ª impressão. Cambridge, Massachusetts & London, England: MIT Press, 1995.
- FITZ, Earl. *Clarice Lispector*. Boston: Twayne Publishers, 1985.
- GOTLIB, Nádia. *Clarice: Uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- HEIDEGGER, Martin. *Die Grundprobleme der Phänomenologie*. v. 24. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1975.
- KIERKEGAARD, Søren. *The Concept of Dread*. Translated by Walter Lowrie (original work *Begrebet angst*, 1844). Princeton: Princeton University Press, 1957.
- LINS, Álvaro. A experiência incompleta: Clarice Lispector. In: LINS, Álvaro. *Os mortos de sobrecasaca. Ensaios e estudos (1940-1960)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* 15. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- LOWE, Elizabeth. The Passion According to C.L. (Interview with Clarice Lispector), *Review*, 24, June 1979.
- NUNES, Benedito. *O mundo de Clarice Lispector*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.
- NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SARTRE, Jean Paul. *La Nausée*. Paris: Gallimard, 1938.

Resumo

O presente artigo sobre *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, procura penetrar os aspectos fundamentais da mundividência lispectorina. Deste modo, considera a realidade conceptual dentro da qual G.H. existe e actua, dando especial atenção ao conceito de Deus, bem como ao significado que a Vida e a Morte assumem numa indagação empenhada em que se procura transcender as limitações humanas. Em harmonia com processos existencialistas, a autora-narradora-personagem realiza uma odisseia ontológica através da recriação pessoal de construções culturais estabelecidas. Esta reelaboração criativa aplica-se à língua, a ideias filosóficas vigentes – incluindo a própria corrente existencialista – e à religião, na busca de uma plataforma de consciência que conduza a uma revelação. A doutrina e o ritual cristãos são assim manipulados e reinterpretados num rebaralhar de componentes que possa sugerir novas combinações e lançar nova luz sobre a essência do Ser.

Abstract

This article on *The Passion According G.H. (A Paixão Segundo G.H.)*, seeks a deep understanding of the Lispectorian image of the world. It looks at the conceptual reality within which G.H. exists and acts. Particular attention is given to the notion of God as well as to the meaning of Life and Death in the quest to transcend one's own limitations. In harmony with existentialist practice, the author-narrator-character carries out an ontological exploration through a creative use of cultural constructs. This is the case with language, current philosophical ideas – including the Existentialist movement itself – and religion. Christian dogma and ritual are thus manipulated so as to provide a new platform of consciousness where stepping stones can be found that may lead to the unveiling of the essence of Being.